



LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS, DESAFIOS E PRÁTICAS DOS PROFESSORES NO CONTEXTO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE QUÍMICA NO ENSINO SUPERIOR.

Valdenira Carlos Da Silva^{1*};

Flaviana Noronha Guedes¹,

Neidimar Lopes Matias De Paula¹

*1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-Campus Iguatu ; -Rodovia Iguatu / Várzea Alegre, km 05, s/n, Vila Cajazeiras; Email:valdeniracarlos88@gmail.com**

Resumo:

O presente trabalho trata de uma pesquisa de campo realizada junto aos professores do curso de Licenciatura em Química do IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – *campus* Iguatu e teve como objetivo investigar como os professores do curso de Química lidariam com a presença de um aluno surdo em sala de aula. Nesse sentido, a reflexão traçada ao longo do mesmo, recai sobre o tratamento dado à disciplina de Química, que é considerada por muitos alunos como complexa. Para os alunos com deficiência, isso pode representar uma dificuldade em compreender determinados conceitos químicos, acentuando-se ainda mais quando a língua utilizada é desconhecida por eles. Na realização da pesquisa, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado e enviado por e-mail aos professores das três áreas do curso em questão (específica, pedagógica e área afim). Os resultados apontam que 92% dos professores não se sentem preparados para receber aluno com deficiência na sala de aula. 73% dos pesquisados disseram não conhecer essa Língua e, entre os 27% que afirmaram conhecê-la, apenas 8% respondeu que tinha um bom conhecimento da mesma. Os demais, apesar de conhecer, não têm domínio suficiente para se comunicar. Conclui-se que é necessário investir nesses professores, através de uma qualificação na área de educação inclusiva. E que não só os professores, mas a instituição em si precisa estar preparada para receber esses alunos, a fim de que faça a inclusão de maneira a não os excluir.

Palavras-Chave: Ensino Superior, Libras, Ensino de Química.

Introdução

A educação para surdos no Brasil teve início durante o segundo império, através da lei 839 assinada por D. Pedro II em 26 de setembro de 1857. (REIS,1999) O objetivo da escola, além de ensinar a ler, a escrever e a contar, era principalmente reduzir a criminalidade e os focos de desordem, instruindo e educando os surdos, muitas vezes de origem pobre, para torná-los proveitosos e úteis à sociedade em que viviam (ALBRES, 2005).



A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007) trouxe novas concepções à atuação da Educação Especial. Este documento define que os alunos atendidos pela educação especial são os sujeitos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades. Em 2002, “a Lei de LIBRAS” - Língua Brasileira de Sinais - foi aprovada no Brasil sob o número 10.436. Esse fato representou uma grande vitória aos surdos, pois conseguiram ter sua língua reconhecida oficialmente. Esse instrumento legal reconhece a LIBRAS como um sistema linguístico dos surdos brasileiros.

No Brasil, a cada ano, cresce o número de matrículas de alunos com NEE – Necessidades Educativas Especiais¹, que ingressam no ensino superior. Segundo dados do Ministério da Educação, em 2003, apenas 1.373 alunos frequentavam a universidade. Em 2005, esse número aumentou para 3.809 nas instituições públicas (BRASIL, 2006).

De acordo com Bisol, C. A. et al (2010), um estudo realizado por Foster, Long e Snell (1999) sobre a vivência de estudantes surdos do ensino superior em contextos de inclusão demonstra que a comunicação destes em sala de aula e o envolvimento com a aprendizagem são iguais a de seus colegas ouvintes, mas eles se sentem menos integrados que estes últimos à vida universitária. A forma de conduzir ou selecionar os interesses para o aprendizado depende muito da visão que se tem das relações com o mundo.

Segundo Gonçalves & Festa (2013), é possível que no âmbito da escola ocorra o “preconceito linguístico” entre os profissionais de educação, no que se refere à Língua Brasileira de Sinais, uma vez que, não se tendo o domínio dessa língua, não se consegue estabelecer uma comunicação eficaz com o aluno. Portanto, o despreparo do professor com a LIBRAS pode vir a contribuir com esse preconceito no ambiente escolar por ele não conseguir utilizar metodologias adequadas para os alunos Surdos. Segundo Frias (2010), a inclusão dos alunos Surdos na escola deve contemplar mudanças no sistema educacional com alterações nos currículos, aplicação de metodologias adequadas e avaliação que garantam o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito. Há, por conseguinte, a necessidade do desenvolvimento de um trabalho docente que possibilite uma interação entre os dois grupos de alunos na sala de aula, tornando-a um espaço agradável a todos, de modo que haja a interação, entre alunos surdos e ouvintes, considerando sempre as diferenças e limites de cada um.

É preciso que os profissionais da educação tomem consciência sobre essas questões, para que, assim, possam, naquilo que lhes compete, desenvolver de modo satisfatório, a efetiva inclusão



destes alunos Surdos em sala de aula. Na perspectiva de atender às exigências da sociedade, buscam-se educadores qualificados para o atendimento a estes alunos, a fim de amenizar o problema do preconceito da sociedade quanto ao deficiente auditivo.

Nesse sentido, a reflexão traçada ao longo desse texto, recai sobre o tratamento dado à disciplina de Química, que é considerada por muitos alunos como complexa, pois exige a compreensão de conceitos abstratos e utiliza uma linguagem específica. Para os alunos com deficiência, isso pode representar uma dificuldade em compreender determinados conceitos químicos, acentuada, ainda mais, quando a língua utilizada é desconhecida por eles.

Embora não tenha nenhum aluno surdo no curso de Química do IFCE-Campus Iguatu, mas tendo em vista que na cidade há um número grande de alunos surdos no ensino médio e, posteriormente, em breve irão para a universidade, existe uma preocupação no que se refere ao conhecimento da LIBRAS, sobretudo, nos professores que atuam nesse curso. Estes, possuem formação acadêmica em diferentes áreas de conhecimento, mas se percebe facilmente que falta neles o contato com esta língua. Esse fato tem gerado nos autores desse trabalho, a seguinte inquietação: como esses profissionais lidarão com a presença de um aluno surdo em sala de aula? Sobre essa questão Souza & Góes (1999) afirmam que a inclusão se torna deficiente pelo fato dos professores e/ou profissionais da educação desconhecerem o seu aluno Surdo e as reais necessidades de sua condição bilíngue. Embora a lei assegure o direito à educação, algumas barreiras limitam o acesso de alguns grupos minoritários que utilizam uma língua que não atende à condição linguística da maioria, ou seja, não utilizam a LIBRAS. Monteiro (2011, p. 62), citando os PCN (1999), também contribui, nesse sentido, afirmando:

A Química utiliza uma linguagem própria para a representação do real e das transformações químicas, através de símbolos. Fórmulas, convenções e códigos. Portanto, é necessário que o aluno desenvolva competências para reconhecer e utilizar tal linguagem, sendo capaz de entender e empregar, a partir das informações, a representação simbólica das transformações químicas.

Nesse cenário, pesquisas apontam a necessidade de enfatizar a importância do estudo sobre as deficiências de modo geral no ensino superior, particularmente no ensino de química onde há uma carência da falta de sinais em LIBRAS para ensino de química. Se não existe uma padronização para o ensino das ciências nessa língua, por que não considerá-la? Uma das características das línguas de sinais é sua não universalização (KARNOPP, 1994; QUADROS,



1997). A escassez de sinais em LIBRAS para o ensino de Química já foi foco de outras pesquisas, uma vez que essa realidade preocupa docentes, alunos e pesquisadores da área. A falta de simbologias para o ensino de Química acarreta na elaboração de sinais por parte dos intérpretes e de alguns professores, de forma muitas vezes aleatória. Santos e Mol (2005, p.2, *apud* SALDANHA, 2011, p. 22) afirmam que:

Aprender Química não é memorizar fórmulas, decorar conceitos e resolver um grande número de exercícios. Aprender Química é entender como essa atividade humana tem se desenvolvido ao longo dos anos, como as suas teorias explicam os fenômenos que nos rodeiam e como podemos fazer uso de seu conhecimento na busca de alternativas para melhorar a condição de vida do planeta.

Seguindo esse raciocínio, bem como o que os Parâmetros Curriculares recomendam o conhecimento químico não deve ser entendido com um conjunto de conhecimentos isolados, pronto e acabado, mas sim, como uma construção da mente humana em contínua mudança. Concordando com essa ideia, entende-se ser necessário investigar os professores de química do ensino superior no sentido de perceber se os mesmos estão capacitados para atender o aluno com deficiência auditiva que venha ingressar nesse nível de ensino. Assim, para tentar responder a questão norteadora desse trabalho, definiu-se como objetivo: Investigar como os professores do curso de Química lidariam com a presença de um aluno surdo em sala de aula.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada junto aos professores do curso de Licenciatura em Química do IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – *campus* Iguatu. Para Gil, (2008), esse tipo de pesquisa possibilita aprofundar a investigação de uma determinada realidade. Realiza-se o mesmo através da observação direta do fenômeno e/ou grupo estudado e por meio de entrevistas com os sujeitos envolvidos, a fim de captar informações, buscar explicações e, assim, realizar as interpretações do que ocorrem nesta realidade.

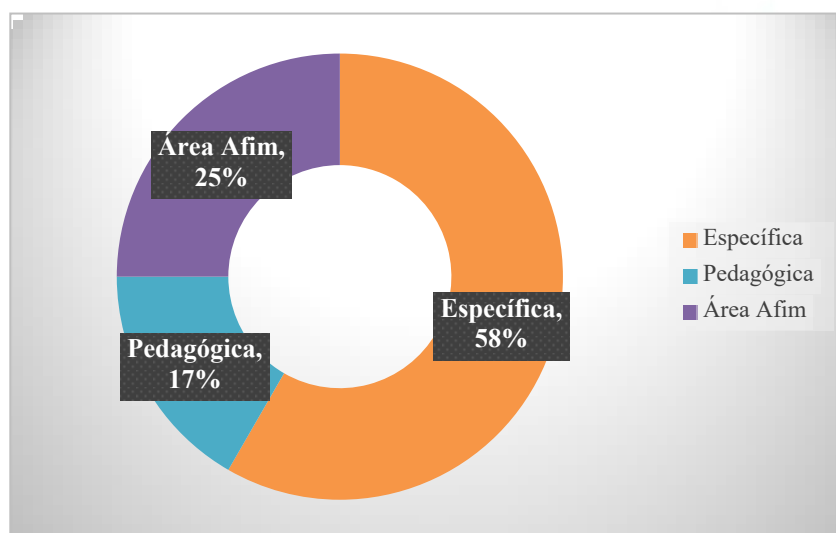
Procurou-se para tanto, o aprofundamento da situação da realidade estudada, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado e enviado por e-mail aos professores das três áreas do curso em questão (específica, pedagógica e área afim). O referido questionário continha seis perguntas: sendo quatro fechadas e duas discursivas. Após, analisado todo o material coletado, procedeu-se à sistematização dos resultados.



Resultados e Discussão

Os sujeitos pesquisados no presente trabalho foram os professores do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal, Ciência e Tecnologia do Ceará - *Campus Iguatu*. A coleta de dados foi feita através de um questionário, enviado por e-mail aos dezesseis professores do curso de química. Desses, quatro não responderam, ficando assim, um total de doze professores pesquisados. Inicialmente perguntou-se qual a área de atuação do professor: específica, pedagógica ou área afim.

Gráfico 1: Número de professores do curso de Química do IFCE-Iguatu por área de atuação.



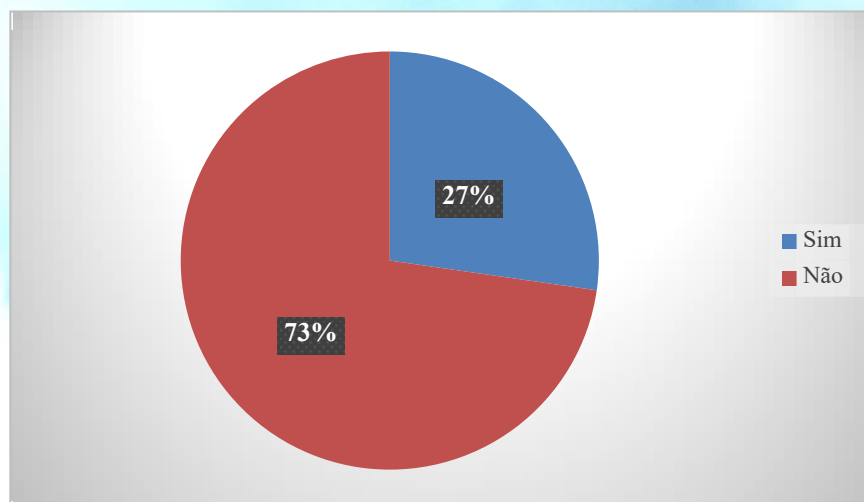
Fonte: própria autoria

Como apresenta o gráfico, o curso possui na sua maioria professores da área específica de química com 58%, ficando 17% para área pedagógica e 25% para área afim. Esse achado é visto como sendo um ponto positivo para os alunos do curso de Química, por terem mestres e doutores como professores da área específica, isso também é importante para os alunos do ensino médio do IFCE – Iguatu que têm o privilégio de ter professores capacitados, pois alguns destes professores também lecionam no ensino médio .

Com a intenção de saber o nível do conhecimento da língua brasileira de sinais, perguntou se aos professores se eles conheciam a LIBRAS?



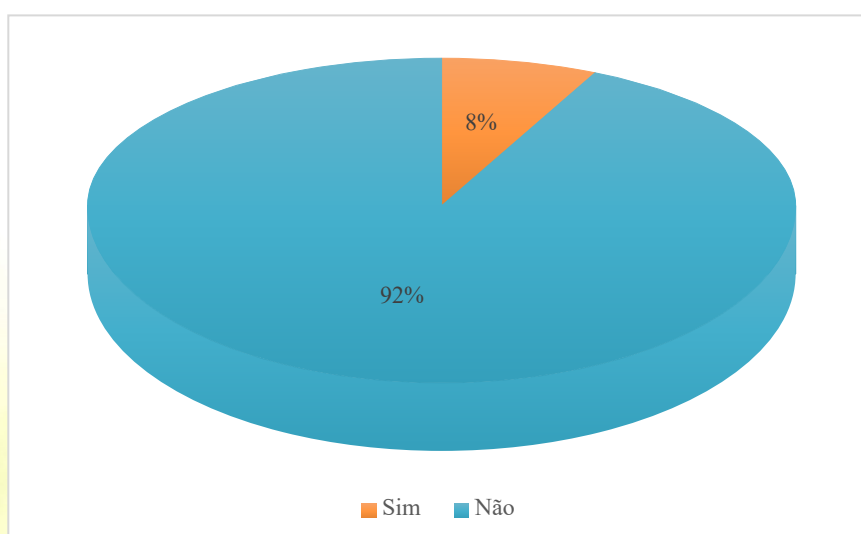
Gráfico 2: Número de professores que conhecem a LIBRAS.



Fonte: própria autoria

Apesar de a instituição possuir um número significativo de profissionais qualificados na área específica do curso de química, 73% dos professores dizem não conhecerem a LIBRAS, sendo este fato um ponto negativo, pois isto significa que não estão preparados para a inclusão de alunos com deficiência auditiva na sala de aula. A terceira pergunta investigou se o professor, mesmo sem ter no momento alunos com deficiência na instituição, sente-se de algum modo preparado para usar a LIBRAS com alunos surdos em sala de aula. O gráfico 3 aponta os resultados.

Gráfico 3 : Preparação dos professores para usar LIBRAS em sala de aula com alunos surdos.

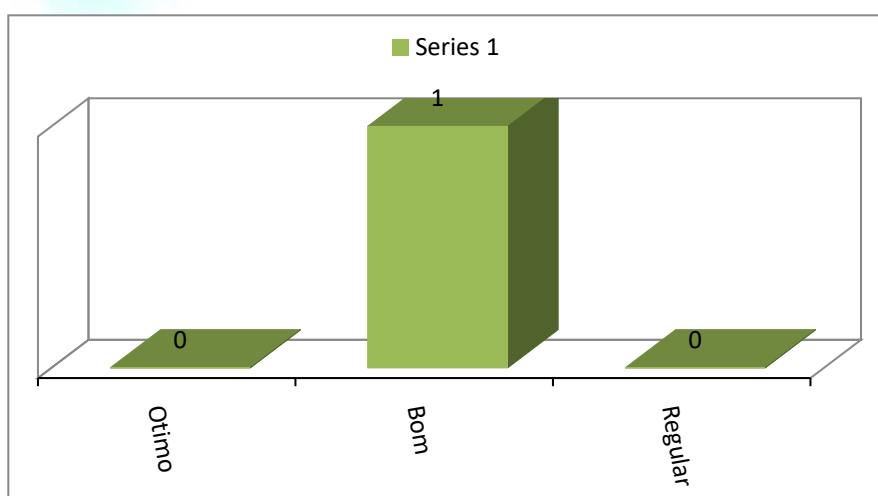


Fonte: própria autoria



No geral 92% dos professores não se sentem preparados para receber aluno com deficiência na sala de aula. Esse resultado confirma os achados na pergunta anterior, onde 73% dos professores afirmaram não conhecer a LIBRAS. Assim, conseqüentemente, não estão preparados para lidar com alunos surdos. Após essa pergunta foi mencionado o seguinte: se você assinalou SIM na questão anterior, identifique seu nível de conhecimento. A classificação nesse ponto se daria a partir dos conceitos: ótimo, bom e regular. Tendo em vista que apenas 8% dos professores responderam conhecer a LIBRAS, obteve-se o resultado mostrado no gráfico abaixo.

Gráfico 4 :Nível de conhecimento da Língua brasileira de Sinais



Fonte: própria autoria

Mesmo sendo minoria, compreende-se que os profissionais que classificaram como bom o seu nível de conhecimento, tornam-se mais aptos a contribuir com a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino superior. Além dele, é indispensável a presença do intérprete para garantir que o aluno aprenda de fato, já que o curso é bastante complexo e há uma certa carência de sinais para a área das exatas .

Visando saber a reação do professor diante da inclusão, perguntou-se através de forma descritiva como ele reagiria ao chegar em sala de aula e encontrar um aluno surdo em sua disciplina. Na amostra coletada, a maioria respondeu que por não ter o conhecimento da Língua de Sinais, procuraria o setor pedagógico para solicitar o apoio de um intérprete; já outros tinham em mente que um dia poderia acontecer a entrada de aluno com deficiência na sala de aula, porém não se sentem preparados, conforme apontam em suas falas :



Solicitaria apoio da Coordenação pedagógica para providenciar um intérprete.

(professor A);

Primeiramente tentaria me comunicar de alguma forma com o estudante e justificar a minha dificuldade para usar a LIBRAS e, em seguida, pediria auxílio imediatamente à gestão da instituição/curso, no sentido de providenciar intérprete para as minhas aulas. Tenho essa preocupação, pois sei que a qualquer momento isso poderá acontecer, porém ainda não me sinto preparada. (Professor B).

Alguns professores ressaltaram ter tido na graduação a disciplina de LIBRAS, mas não foi suficiente para encarar no cotidiano essa situação, conforme cita o (Professor C):

Seria muito complexo e difícil. Apesar de ter sido contemplado pela disciplina de LIBRAS durante minha graduação, a disciplina ministrada ao nível do curso de licenciatura tem foco em conversação normal, situações cotidianas. A LIBRAS necessária para atender um aluno em uma aula de específica, também iria requerer sinais específicos para nomes de elementos, termos técnicos da área de química entre outros. Não tenho muito conhecimento sobre o estágio de desenvolvimento dos sinais específicos, mas pelo que ouvi de outros docentes, há algumas iniciativas PIBID que estão desenvolvendo estes sinais, mas muitos ainda não existem, o que dificultaria ministrar aulas para estes alunos que necessitassem deste atendimento especial.

As respostas colhidas nessa questão confirmam o pensamento de Souza & Góes (1999), de que o processo de inclusão do aluno com deficiência auditiva na sala de aula apresenta muitas limitações por não existir ainda professores e outros profissionais da educação conhecedores da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e, devidamente, preparados para atuarem com as reais condições bilíngues do Surdo.

A última pergunta buscou investigar, qual a maior dificuldade para o professor trabalhar com o aluno surdo em salas de aulas regulares? Os resultados coletados apontam para a falta de intérpretes na instituição, o domínio da língua, a falta de qualificação e a maneira de transmitir os ensinamentos para dois grupos de alunos distintos na mesma sala de aula. Pode-se comprovar isso nas seguintes falas:

A falta de intérpretes nas instituições. Além disso, o não desenvolvimento dessa habilidade durante os cursos de formação de professores. Se o licenciado, ao concluir o seu curso, já tiver algum domínio da LIBRAS, quando se deparar com essa situação em sala, já não ficará tão apavorado, pois conhece o mínimo necessário para estabelecer uma comunicação eficaz. (Professor D);

Necessidade do intérprete, cargo que não há no Instituto e falta de sinais para a comunicação na aula de específica. (Professor E)

Com certeza seria a dinâmica da aula. Como seria transmitir os ensinamentos para dois grupos de estudantes? Essa seria o meu principal questionamento; Falta de qualificação (Professor F).



Os dados colhidos ao longo de toda essa pesquisa servem de reforço ao que apontam Rechico & Marostega (2002). Esses autores entendem que a inclusão e permanência do aluno Surdo no sistema educacional devem garantir não só o acesso, mas também as condições ideais à qualidade do ensino. Quando se pensa em educação de Surdos, surgem vários questionamentos, colocando-se em dúvida se essa experiência é inclusiva ou se é mais uma vivência que, de forma mascarada, associa-se à exclusão. Entende-se, portanto, ser necessário que o professor, além da graduação, deva passar por qualificação mais aprofundada no âmbito da educação inclusiva, pois a formação tanto inicial como continuada dos professores é um fator importante para o ensino na diversidade, e, conseqüentemente, indispensável para a realização da inclusão.

Conclusões

Com a pesquisa realizada percebeu-se que no instituto IFCE-Campus Iguatu, apesar de haver profissionais bem qualificados no curso de Licenciatura em Química, estes ainda não estão aptos a receber alunos com necessidades especiais. Sendo necessário, portanto, investir nesses professores através de qualificação na área de educação inclusiva. Já que a lei garante a permanência do aluno com deficiências na sala de aula com ensino regular e, tendo em vista, que tem aumentado o número de alunos surdos no ensino superior brasileiro, não só os professores, mas a instituição em si precisa estar preparada para receber esses alunos, a fim de que faça a inclusão de maneira a não os excluir.

NOTAS:

1. Termo designado aos alunos que apresentam alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem e que suscita interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBRES, N. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores.** 2005. Dissertação. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2005.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BISOL, C. A.; VALENTINI, C. B.; SIMIONI, J. L.; ZANCHIN, J. Estudantes Surdos no Ensino Superior: Reflexões sobre a Inclusão. **Cad. Pesqui.** vol.40 no.139 São Paulo Jan/ 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742010000100008, acesso em 13/08/2016

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 555/2007**. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, MEC; SEEP, 2008.

_____. **Evolução da educação especial no Brasil**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>, acesso em 12/08/2016.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394. Brasília, 1996.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais. Brasília, 2002.

FRIAS, E. M. A. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educativas especiais**: contribuições ao professor do Ensino Regular. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf> acesso em: 10/08/2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, H. B. & FESTA P. S. V. Metodologia do Professor no Ensino de Alunos Surdos, Ensaio Pedagógico. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades**, DEZ. 2013 .

QUADROS, R. **Educação de surdos, aquisição e linguagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

RECHICO, C. F.; MAROSTEGA, V. L. (Re) pensando o papel do educador especial no contexto da inclusão de alunos surdos. **Revista do Centro de Educação**. v. 19, p. 1-5, 2002.

REIS, E. **Inclusão de alunos Surdos: concepções e dificuldades dos professores de Ciências Naturais da Escola Aloysio Chaves – Concórdia/PA**. 2008. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Metodologia do Ensino de Ciências). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

SALDANHA, J. **O ensino de Química em Língua Brasileira de Sinais**. 2011. Dissertação (mestrado em ensino de ciências). Universidade do Grande Rio, 2011.

SOUZA, M. R. & Góes, M. C. R. O ensino para Surdos na escola inclusiva: Considerações sobre o excludente contexto de inclusão. In: C. Skliar (Org.): **Atualidade da educação bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. V. 1, p.163-188.